

Práticas e saberes de Francisco: de Assis para a humanidade do passado e do presente

Practices and knowledge of Francisco: of Assisi for the humanity of the past and present

*Karlla Christine Araújo Souza**

*Joscelito Marques Ferreira***

*Ailton Siqueira de Sousa Fonseca****

Resumo: A vida de Francisco de Assis apresentou práticas como a integração com o outro, o cuidado, a *metanóia* e a esperança e a emergência dos arquétipos que podem nos auxiliar a compreender e construir soluções criativas que contribuam para desbancar a crise sistêmica atual. As

* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia PPGS/UFPB. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PGCS/UFRN. Professora Adjunta IV no Departamento de Ciências Sociais e Política DCSP/UERN e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas PPGCISH/UERN. Integra o Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo GECOM e o Grupo de Pesquisa Mythos-Logos: religião, mito e espiritualidade. E-mail: karlla_chris@yahoo.com.br.

** Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Possui Pós-graduação lato sensu em Mídias na Educação (2013) também pela UERN e Pós-graduação em Teologia Bíblica pela Faculdade Diocesana de Mossoró. É professor da Escola Municipal Celina Guimarães Viana. E-mail: joscelitomarques@hotmail.com.

*** Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professor titular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da UERN e coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN). E-mail: ailtonsiqueira@uol.com.br.

reflexões e descobertas decorrentes desta pesquisa bibliográfica, realizada nos âmbitos do PPGCISH/GECOM/UERN, foram escritas na forma de ensaio, onde apresentamos aspectos fundamentais da vida simples/complexa, do pensamento e da *práxis* de Francisco de Assis. Nessas linhas, buscaremos compreender a condição humana na singularidade do sujeito Francisco de Assis, um arquétipo que é uma espécie de imagem incrustada profundamente no inconsciente coletivo da humanidade. Temos ciência de que não atingimos a inteireza psicossocial e humana de Francisco de Assis, mas esperamos ampliar a nossa compreensão acerca da riqueza de um caráter complexo, de uma vida paradigmática, de um ícone histórico sempre novo.

Palavras-chave: Francisco de Assis; práticas; arquétipo; condição humana

Abstract: The life of Francis of Assisi has presented practices such as integration with one another, care, metanoia, and the hope and emergence of archetypes that can help us understand and construct creative solutions that contribute to overcoming the current systemic crisis. The reflections and discoveries resulting from this bibliographical research, carried in the scopes of PPGCISH/GECOM/UERN, were written as an essay, where we present fundamental aspects of the simple / complex life, of the thought and praxis of Francisco de Assis. In these lines, we will try to understand the human condition in the singularity of the subject Francis of Assisi, an archetype that is a kind of image deeply embedded in the collective unconscious of humanity. We are aware that we have not reached the psychosocial and human wholeness of Francis of Assisi, but we hope to broaden our understanding of the richness of a complex character, of a paradigmatic life, of an ever new historical icon.

Keywords: Francisco de Assis; practices; archetype; human condition

1. Introdução: Francisco de Assis, do passado para o presente

Toda vez que vamos ao passado voltamos com uma imagem nova dele e é justamente essa imagem nova que estamos buscando aqui.

Karlla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

Estimulados pelas experiências do presente, revisitaremos o passado para dialogar e aprender com ele. Neste ensaio, acolhemos um pensamento que não isola o conhecimento, mas o religa, que entende que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes. Dessa forma, os saberes do passado e do presente precisam estar em constante diálogo, em um processo contínuo de recursividade, em que os efeitos podem ser causadores de suas causas, retornando sobre elas em um ciclo auto-organizador e produtor. Nessa concepção complexa, efeito e causa não são lineares.

O processo recursivo “*é um processo em que os produtos e os efeitos são, ao mesmo tempo, causas e produtores daquilo que os produziu*”¹. Seguindo este pensamento, são a cultura e a sociedade que garantem a realização dos indivíduos, e são as interações entre indivíduos que permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade. Por isso, atualmente, diante da policrise que ameaça a sobrevivência de nossa espécie no planeta, volta sobre a própria humanidade a necessidade de visitar Francisco de Assis, um ser humano que é referencial de cuidado e defesa de todas as formas de vida.

Conscientes de que “*todo conhecimento é uma reconstrução/tradução feita por uma mente/um cérebro, em uma cultura e época determinadas*”², buscarei, nestas linhas, compreender a condição humana na singularidade/complexidade do sujeito Francisco de Assis. Um arquétipo que é uma espécie de imagem incrustada profundamente no inconsciente coletivo da humanidade; refletindo-se e projetando-se em diversos aspectos da vida humana, como sonhos, imagens, canções, discursos, práticas, religiões e até mesmo narrativas.

¹ MORIN, Edgar. *A Cabeça bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p.27

² ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *A Feira dos Mitos. A fabricação do Folclore e da Cultura Popular (Nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013, p.88

Arquétipos são tipos arcaicos, imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos. Estas *imagens primordiais* se originam de uma constante repetição de uma mesma experiência, durante muitas gerações. Os arquétipos são as tendências estruturantes e invisíveis dos símbolos. Por serem anteriores e mais abrangentes que a consciência do ego, os arquétipos criam imagens ou visões que balanceiam alguns aspectos da atitude consciente do sujeito. Funcionam como centros autônomos que tendem a produzir, em cada geração, a repetição e a elaboração dessas mesmas experiências³. Eles se encontram entrelaçados na psique, sendo praticamente impossível isolá-los, bem como a seus sentidos. Eles guardam os fundamentos de uma singularidade ética e solidária que, para o homem pós-moderno, podem assumir a função de luzeiros que guiam o caminho dos navegantes no mar revolto das crises.

E, embora de tempos imemoriais, eles permanecem na consciência e na gratidão dos homens [...], eles rompem a estreiteza de seu tempo e se fazem contemporâneos de cada tempo e de cada homem que está em busca de uma estrela⁴.

De forma que

eles então não são nem antigos nem modernos, são simplesmente atuais, sempre atuais, portadores daquela atualidade que possuem as questões axiais da vida em qualquer tempo⁵.

É inegável a influência primordial que o arquétipo Francisco de Assis ativa em nós. Na sua biografia, tornou-se visível e possível a vivência de imagens que guardamos no mais profundo de nosso ser. Francisco semeou na esfera humana um profundo sentido de ternura, esperança e paz, que continuou a reverberar de seu tempo até os nossos dias. E vai mais além:

³ JUNG, 2000

⁴ BOFF, Leonardo. *São Francisco de Assis - ternura e vigor*. 10.ed., Petrópolis: Vozes, 2005, p.13

⁵ *Ibid.*, p. 13

Karla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

ele constitui a figuração (Gestalt) mais cristalina, na história ocidental, daqueles sonhos, daquelas utopias e daquele modo de relacionar-se panfraternalmente que hoje todos buscamos⁶.

Assim sendo,

ele fala à profundidade mais arcaica da alma moderna porque há um Francisco de Assis escondido dentro de cada um, forcejando por assomar e expandir-se livremente por entre os antolhos da modernidade⁷.

Apesar de ter vivido no passado, ele traz consigo a renovação de nossa esperança na humanidade.

Sob esta ótica, apostamos que esta busca é capaz de nos “encorajar, de instigar a nossa aptidão interrogativa e orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nossa época”⁸, problemas complexos que necessitam que façamos uma metanóia.

O termo *metanóia* se origina do grego e significa mudar o próprio pensamento. Uma mudança que ocorre continuamente, n=em um movimento que toca o interior e, conseqüentemente, o exterior. Uma experiência que leva o sujeito a encontrar o verdadeiro sentido de sua vida e que gera uma transformação do que está sendo vivenciando para um novo modo, uma nova forma de viver. Em Francisco, esta *metanóia*, esta metamorfose ocorreu porque ele teve a coragem de dar plena abertura à escuta da voz interior, a voz da consciência que nos leva à plena realização.

2. A Sociedade Feudal

Cada cultura tem suas peculiaridades. Ninguém carrega uma história intacta, pura, uma vez que todos nós estamos sempre dialogando com as

⁶ Ibid., p. 32

⁷ Ibid., p. 32

⁸ MORIN, Op. Cit. , p.22

condições históricas e sociais de cada período, seus valores, desafios, conflitos e inquietações. Com Francisco, não foi diferente e seu itinerário deve ser situado na história de seu tempo e fora dela.

Em traços gerais, Francisco de Assis viveu no período dos séculos XII e XIII, época em que a Europa estava debaixo de pequenos governos locais – os feudos. Os senhores feudais subjugavam o povo, formado em sua maioria por camponeses (servos da gleba) que cultivavam a terra e tinham a obrigação de defender o seu senhor em caso de guerras. A base, portanto, do poder dos grupos dominantes daquela sociedade estava no controle da produção e dos rendimentos da terra. Os arrendatários permaneciam sob o domínio destes grupos, aos quais deviam pagar pesados impostos.

Mas a história é um processo em constante transformação, fruto das relações entre as pessoas, os grupos sociais e suas atividades. O que caracteriza este processo são as mudanças, o seu caráter transitório, em constante devir. Nessa perspectiva, com o correr do tempo, a autoridade dos príncipes locais foi afetada por um processo de enfraquecimento dos poderes centrais que, fragmentados, ficaram sob o controle de poderes localizados em cada condado, ducado, enfim, nas centenas de domínios senhoriais que povoavam aquelas terras. Este contexto contribuiu para que a Europa, no tempo de Francisco, sofresse inúmeras transformações. O fato é que, no tempo de Francisco, o mundo feudal estava em decadência. Então,

começaram a surgir as cidades. O povo foi, aos poucos, deixando os campos e indo para os assim chamados burgos (daí a palavra burguês) ou formando novas cidades⁹.

Destarte,

a Igreja se tornou materialmente forte, muito rica. Muitos bispos, e até Papas, eram impostos pelas famílias dos nobres e reis, sem preparo cultural

⁹ BERMEJO, Marcelo. *Francisco de Assis*. São Paulo: Canção Nova, 2013, p.3

Karlla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

e espiritual. Conseqüentemente, muitos se corromperam e passaram a levar uma vida desregrada¹⁰.

Essa sociedade feudal decadente produziu um fosso enorme entre ricos e pobres, o excedente por um lado e a carência por outro. A arte e os prazeres, aos nobres; o trabalho e a exploração, aos colonos. Para a Igreja da época, era pernicioso aos pobres aprender a leitura, a escrita e a aritmética. Esses só deveriam cuidar da plantação, da colheita e da criação dos animais. A saúde era precária e se multiplicavam as doenças e os leprosários. Segundo Macedo, “*no caso dos servos, a carga era ainda mais pesada. Além das obrigações devidas, eles prestavam periodicamente serviços gratuitos (corveia) na parte da propriedade sob controle direto do amo*”¹¹. A sociedade burguesa, legitimada pelo discurso da Igreja medieval, produziu uma cultura dominante, amparada pelo vergonhoso calabrote da usura e da manipulação social.

Durante a Idade Média, não faltaram momentos de tensão entre os pobres do campo e os seus senhores e entre os miseráveis das áreas citadinas e seus exploradores. Como nessa época existiam poucas leis escritas e menos ainda autoridade pública para aplicá-las, as relações entre senhores e camponeses se fundamentavam na tradição, isto é, no costume. Como aponta Thompson, o “*costume era a ‘segunda natureza’ do homem*”¹². Assim, “*quando uma obrigação era imposta, aceita e cumprida, ela se tornava automaticamente um direito irrevogável dos senhores*”¹³ e um dever a ser cumprido à risca.

Diante desta conjuntura, pequenos comerciantes, artesãos e operários migraram para as cidades, passando a fazer parte das camadas populares urbanas. Essas *vítimas da exclusão social tornam-se os depositários do único discurso que representa uma alternativa radical às mentiras da sociedade*

¹⁰ Ibid., p.3

¹¹ MACEDO, José Rivair. *Movimentos Populares na Idade Média*. São Paulo: Moderna, 2003, p.25.

¹² THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. 2.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.14.

¹³ MACEDO, Op. Cit., p. 30

*constituída*¹⁴. Esse povo vivia sob um sistema desumano e ansiava por um novo modo de ser e viver. Como nos aponta com propriedade o filósofo:

A luta pela vida, o trabalho, a exploração fizeram das classes populares os guardiães daqueles valores de que tanto sentimos falta: a hospitalidade, a cordialidade, a colaboração, a solidariedade, o sentido de respeito pelo sagrado de Deus...¹⁵.

Essa oposição aos “maus costumes” e às normas vindas de cima estava presente na tradição popular, que constituía um dos principais locais de resistência à elite dominante. Esses homens do “povo comum” estavam reivindicando o que não lhes era dado. E encontraram, na cultura popular, o terreno sobre o qual as transformações seriam operadas. “*Uma cultura nascida das atividades afetivas, emocionais e intelectuais de homens rústicos, presos à natureza. E, por isso mesmo, eram observadores empíricos privilegiados, produzindo um saber prático*”¹⁶ nascido das atividades cotidianas.

O homem desse tempo tinha uma imagem sofrida, inculta, supersticiosa, carregada de informalidade e de saber elementar, mas também forte e capaz de enfrentar várias horas de trabalho desumano. A dureza da vida o moldou. E, como os ciclos da natureza lhe “ensinavam”, a vida está sempre em movimento, em transformação e, assim, esperava por um novo dia que lhe trouxesse a alegria de frutos carregados de dignidade e justiça.

Foi este tipo de homem que Francisco encontrou pelas vielas, praças e campos de Assis. É entre eles que o jovem Bernardone vai encontrar as respostas que procura. É nesse contexto de tensão entre a cultura dominante e as culturas subalternas que surge Francisco de Assis, como um raio de luz que refulge na noite escura do medievo.

¹⁴ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.24

¹⁵ BOFF, Op. Cit., p.32

¹⁶ ALBUQUERQUE JR. Op. Cit., p. 82

Karla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

3. A Metamorfose

Mas quem foi esse homem cujo discurso e exemplo teimam em perpassar a história da humanidade? Como rompeu com os valores de seu pai? Como desposou a *senhora pobreza*? Como descobriu entre os enfermos a cura para sua alma? Quem o instigou para o amor aos excluídos sociais? Como lhe foi despertado tamanho cuidado à natureza, a toda espécie de vida? Como descobriu em si o poeta que encantava todos? Como subverteu as obrigações, os costumes, modelos e estereótipos estabelecidos pela estrutura hierárquica de seu tempo?

Recorremos primeiramente a um aspecto importante a ser destacado: “*Toda busca precisa de marcos de referência e de arquétipos que a animem*”

17. O próprio Francisco os perseguiu. Nascido em Assis¹⁸ (1181-1226), era filho de um rico comerciante de tecidos, chamado Pedro Bernardone. Foi batizado em Santa Maria Maior, antiga Catedral de São Rufino e, segundo Silveira¹⁹, recebendo de sua mãe – a francesa Joana de Bourlemont, uma dama da região da Picardia (norte da França), conhecida em Assis pelo cognome Pica Bernardone – o nome de *Giovanni* (João). Mas, ao voltar de uma viagem à França, seu pai resolveu mudar o nome do menino de João para *François* (Francisco), em homenagem àquele país.

O menino cresceu e se tornou um jovem que se dividia entre cuidar do comércio da família e gastar muito dinheiro em festas e noitadas de diversão. Era o líder das serenatas e cantava com seus companheiros pelas ruas e praças de Assis.

Mas nem tudo era festa. Os senhores feudais e as emergentes comunas²⁰ viviam em constantes batalhas. Em 1201, incentivado por seu pai,

¹⁷ BOFF, Op. Cit., p.32

¹⁸ Cidade Italiana situada na região da Úmbria, província de Perugia.

¹⁹ SILVEIRA, Idelfonso; REIS, Orlando dos. *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 6.ed. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1996.

²⁰ Pequenas cidades (da Idade Média) emancipadas dos senhores feudais e comandadas pelos próprios burgueses.

Francisco participa de uma guerra, declarada pelos senhores feudais de Perúcia, contra a comuna de Assis. Naquela ocasião, foi preso e levado para a prisão de Perúcia. Lá, Francisco adoeceu e passou doze dolorosos meses. Começava ali o processo de mudança de um jovem cidadão, sedento da glória das batalhas, para um homem do povo, das ruas e dos campos de Assis.

Na verdade, um conjunto de fatores convergiu para que Francisco de Bernardone encontrasse o seu caminho interior, auxiliado pelos sinais presentes no exterior, pois “*o mistério da interioridade do homem encontra-se em suas obras, seus mitos, suas projeções; procurar o interior no exterior*” 21. A sua metamorfose foi além da mudança espiritual, tornou-se um estilo de vida social, contrário a toda conduta dominante.

As privações que o cárcere lhe imputou também o levaram ao despojamento de suas mazelas e a um encontro com seus fantasmas, suas dúvidas e inquietações. A maturidade é fruto de muitas feridas... A prisão lhe fez olhar para dentro de si e encontrar as respostas que o levariam à liberdade, à rebeldia, no sentido de transformação. As sombras da clausura o levaram à busca de uma nova luz que iluminasse a sua história. Ali começava a revolução/metamorfose... No Francisco humano, prefigura-se “*a metamorfose social que seria um novo nascimento da humanidade*” 22.

Em sua peregrinação pessoal, Francisco de Bernardone acolhia o sujeito Francisco de Assis, um homem simples, com um novo olhar, envolto em forças de transformação e regeneração, um ser humano aberto às metamorfoses e incertezas que a vida lhe concederia. Como Agamben²³ referencia, um ser que não permanece na sua própria condição, mas a expõe, e é continuamente gerado, transformado pelas novas maneiras de agir.

²¹ MORIN, Edgar. *Em Busca dos Fundamentos Perdidos* – textos sobre o marxismo. 2.ed., Porto Alegre: Sulina, 2010, p.4

²² MORIN, Edgar. *Sociologia: a sociologia do microsossial ao macroplanetário*. Portugal: Publicações Europa-América, 1984, p.359.

²³ AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

Karla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

4. A Experiência com o Transcendente

O ponto fundante da *metanóia* de Francisco, aquilo que fez eclodir definitivamente, em seu ser, a visão do novo, que já o acompanhava e precisava ser despertado, foi a experiência com o Transcendente. Segundo diversos biógrafos, entre eles, Tomás de Celano²⁴, após partir de Assis para uma nova batalha na Apúlia, Francisco cai febril, na cidade de Espoleto, e não consegue partir. Lá, teria ouvido, em sonho, a voz do Senhor que dizia: *Quem lhe pode ser mais útil, o senhor ou o servo?* Francisco respondeu: – *O senhor.* – *Então, porque preferes o servo ao senhor?* Então, Francisco disse: *Que queres que eu faça, Senhor?* E o Senhor respondeu: *Volta a Assis, ali te será dito*²⁵.

Esta experiência vivida por Francisco de Assis é semelhante às que ocorreram com alguns heróis do povo, tais como Joana D’arc, Teresa de Ávila, Charles de Foucauld, Gemma Galgani, São João da Cruz, Thomas Merton, Catarina de Sienna, Sócrates, entre tantos outros. Tal realidade se caracteriza por uma plena abertura à escuta da voz interior, como fez “*Platão [que], na sua comovedora Apologia de Sócrates, conservou as palavras finais do genial mestre. Daimon, é a voz profética dentro de mim, proveniente de um poder superior, é o sinal de Deus*”²⁶. Em síntese, “*nós diríamos, é voz da interioridade, aquele conselheiro da consciência que dissuade ou estimula, aquele sentimento do conveniente e do justo nas palavras e nos atos que se anuncia em todas as circunstâncias da vida*”²⁷, por menores ou maiores que sejam.

Após escutar aquela *voz profética*, Francisco tornou-se um peregrino, um errante que, em sua itinerância, buscava agora preencher todo o seu tempo fazendo o bem. Aonde ele fosse, levaria consigo a saudação: “paz e bem!”, com palavras, mas principalmente em pequenos gestos concretos de amor.

²⁴ CELANO, Tomás de. *Vida de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 2018.

²⁵ SILVEIRA; REIS, 1996, p.291

²⁶ BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma*. 2.ed. Rio de Janeiro: Mardeideias, 2014, p.34

²⁷ *Ibid.*, p.34

5. A Esperança está no agora

Vivemos em uma época em que movimentos antagônicos e complementares se estabelecem. As pulsões de morte e de vida caminham juntas e precisamos ter consciência de que elas podem ser transformadas, articuladas em proposições harmonizadoras e mobilizadoras. Isto nos remete a um princípio fundamental para a manutenção e salvaguarda da humanidade: a Esperança. Ela é “a *energia básica que dinamiza todas as demais*”²⁸.

Após séculos de cultura material, de domínio das forças de manipulação, regressão e morte, surge uma nova consciência; desperta um novo sujeito que se entende parte e todo da grande teia da vida; defensor do intercâmbio das ideias que enfraquece os dogmatismos e intolerâncias; conhecedor cotidianamente de si mesmo, da sociedade que o cerca e da humanidade emergente. Ele é um desbravador do cosmos, guardado ancestralmente em seu interior e do universo que o acolhe no enredo da história.

Estes novos construtores da vida buscam no hoje *uma espiritualidade simples e sólida, baseada na percepção do mistério do ser humano, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão*”²⁹. Uma nova forma de ser e viver, “*fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa, no trabalho bem-feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções*”³⁰. Esse novo sujeito histórico está espalhado em todos os cantos do planeta, em ilhas abertas de resistência e mudança.

Eles são inspirados pelos grandes arquétipos da humanidade, Jesus, Buda, Gandhi, Mandela, Martin Luther king Jr., Francisco de Assis. Nesse instante, estão vivendo a mesma *metanóia* que Francisco viveu. Para o *Poverello*, o amigo dos pobres, a esperança vive no hoje e não é uma promessa, mas um caminho, uma revolução. O arquétipo Francisco de Assis faz emergir em nós a certeza de que a esperança vive no hoje e a revolução sempre existiu.

²⁸ BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar. Ética do Humano—Compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.20

²⁹ BOFF, Francisco de Assis, p.28

³⁰ BOFF, Saber Cuidar, p.28

Karlla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

Nossa afirmação se fundamenta na *práxis*³¹ do *cavaleiro da esperança*. Para ele, a prática era mais importante que as palavras. Assim ensinava aos seus companheiros: “*Todos os frades preguem pelo seu correto modo de vida*”³². Essa postura indica que a expectativa de que aquilo que se deseja ou pretende acontece preferencialmente conforme o modo de agir. Isso implica carregar de firmeza aquilo que parece ser impossível de se realizar, de ser atingido.

A esperança, em seu aspecto utópico, nada tem de alienada. Pelo contrário, ela é uma constatação explícita de que o hoje possui limites que ainda precisam ser superados. Em seu conceito etimológico, esperança significa o sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja. Confia que pode realizar. Francisco de Assis, em sua *práxis*, é um referencial de esperança para nosso tempo. Um arquétipo que faz emergir em nós esse princípio imprescindível para a construção da história não linear do ser humano sobre a Terra.

Em nossa pesquisa, amparada por vasta bibliografia, encontramos um Francisco de Assis sempre ativo, participativo, integrador, afeito ao diálogo e a interação com todos. Um sujeito alegre, gentil e sempre pronto a ajudar. Ele vivia o esperar, que é dar-se, animar-se, estimular-se a realizar. Francisco é alguém que está sempre de saída... Em ação libertadora. Então, qual o segredo da esperança de Francisco? É simples como sua vida, seu segredo é não esperar que outros façam o que te convém.

Ele não pensava somente em si, em seus próprios interesses. Na verdade, o *amigo dos pobres* estava muito interessado em ir ao outro, escutá-lo, abraçá-lo, perdoá-lo, amá-lo, ladrão ou leproso, papa ou ferreiro, rei ou mendigo, animal ou vegetal... Ele queria que todos vivessem a liberdade que ele vivia, que todos descobrissem aquela nova forma de olhar que lhe trouxe uma nova vida e alegria.

No início de sua *metanóia*, ele já demonstrava a grata urgência em realizar atitudes geradoras de vida. Francisco era um peregrino que não tinha

³¹ Prática, ação concreta.

³² SILVEIRA; REIS, 1996, p.105

lugar certo para descansar. Nas poucas “*vezes que permitia a seu pobre corpo o benefício do sono, era quase sempre sentado e sem se encostar, usando no lugar do travesseiro algum tronco ou pedra*”³³. O hoje era sua morada, seu alimento, sua vestimenta para construir seu caminho, sua história.

Inspirado para restaurar a Igreja de São Damião, imediatamente o fez, e para não ficar ocioso, logo em seguida passou a reformar outra Igreja. Esse fato está registrado na Legenda Maior de São Boaventura, assim expresso:

E apesar de fraco e extenuado pelos jejuns, carregava nas costas pesados fardos de pedras. Conseguiu enfim chegar a termo com a restauração da igreja... E para não ficar de braços cruzados, encetou a reconstrução de outra igreja dedicada a São Pedro³⁴.

A intuição de que o tempo é um tesouro a ser lapidado certamente o envolvia e impulsionava a agir sem cessar.

Noutra oportunidade, no início da Ordem em Rivortorto, enquanto dormia, foi acordado com os gemidos de um frade que gritava: “*Ai que eu morro, ai que eu morro!*” Iniciante na Ordem, o frade não estava aguentando os jejuns. Francisco imediatamente se levanta e pede que preparem uma refeição para o irmão que morria de fome; mas “*não querendo que o irmão passasse pela vergonha de comer sozinho, mandou preparar a mesa de maneira que todos tomassem uma refeição com ele*”³⁵. Francisco agiu de imediato, sanando uma necessidade individual sem dogmatismo e constrangimento.

Mas essas atitudes não se limitavam a ações materiais, quando errava, imediatamente queria corrigir o seu erro. Não deixava para depois. O seu hoje era o lugar de sua ação integradora. Um dia, após repreender Frei Tiago, diante de um leproso, Francisco se arrependeu e logo confessou sua culpa e resolveu, em reparação, comer no mesmo prato com o irmão leproso.

A Legenda Perusina dá os detalhes deste fato:

³³ Ibid., p.105

³⁴ Ibid., p.105

³⁵ Ibid., p. 768

Karlla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

Francisco e os irmãos se assentaram à mesa com o leproso e foi colocada uma escudela entre os dois. O leproso era todo chagas e úlceras; os dedos, de que se servia para comer, estavam escorrendo sangue que caía na escudela sempre que lá os metia³⁶.

Por seu gesto de profundo acolhimento, levou à redenção tanto aqueles homens que provavelmente se sentiam indignos – um nada social – quanto ele mesmo, livre de carregar o peso do erro não admitido. A ação de Francisco foi necessária, eficaz e urgente. Esses são os componentes de uma esperança cujas raízes estão cravadas na urgência do agora.

Leonardo Boff reparte conosco a aposta nas ações movidas pela energia da esperança. Ele reitera que há um esforço atual

pelo apoio às mulheres, às minorias socialmente discriminadas, [...] como os negros, os povos originários, os portadores de alguma deficiência ou doença. A espiritualidade cósmica volta a animar espíritos sensíveis à mensagem que emana do universo³⁷.

Esta esperança que se realiza no hoje traz consigo um novo *ethos* social e mobilizador, fundamentado na

valorização das diferenças, na acolhida das complementariedades e na convergência construída a partir da diversidade de culturas, de modos de produção, de tradições e de sentidos de vida³⁸.

Essa é a nova face da esperança que milhões de seres humanos conduzem e impregnam em nosso tempo. Uma verdadeira revolução, aparentemente acanhada, mas que cresce a cada dia e em cada ser humano, que desperta para sua incomensurável importância e dignidade em sua passagem por esta Gaia.

³⁶ Ibid., p. 751

³⁷ BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma*. 2.ed. Rio de Janeiro: Mardeideias, 2014, p.30

³⁸ Ibid., p.30

O filósofo Edgar Morin também compartilha dessa visão. Quando refletiu sobre o enigma do homem, afirmou: “*A era da teoria aberta, multidimensional e complexa já começa*”³⁹. A revolução já começou, não com armas, mas fundada em consciências complexas que têm a coragem de rejeitar qualquer forma de discriminação, exclusão e dominação.

Sabemos que uma revolução só é eficaz quando abrange múltiplos aspectos e abriga várias mudanças ao mesmo tempo. Assim foi a revolução de Francisco, uma esperança que estremeceu as estruturas do medievo em todas as suas dimensões. Sua ação fez tremer a todos, porque o surgimento do novo faz balançar estruturas antigas; porque não se fez surda aos clamores de todas as épocas.

O que Francisco de Assis nos ensina com suas palavras e sua *práxis* carregada de simplicidade e complexidade? Que a mudança ocorre a todo instante... Muitos já a vivem... E dessa vivência colhem os frutos da árvore do cuidado, da integração, da autoética⁴⁰: paz, harmonia, solidariedade, respeito, equilíbrio, entre tantos outros, tudo isso simultaneamente, em meio à tempestade de desafios que a crise traz. O que Francisco nos ensina é que estamos sempre aprendendo a viver.

Francisco era *práxis* pura. Uma avalanche de amor que sai de seu interior e cai sobre todos dos quais se aproximou, que se derramou sobre o seu tempo, sobre a história da humanidade e chega até nós, abalando as estruturas acomodadas à *normose*⁴¹. Sua figura arquetípica mexe com nossa inércia e

³⁹ MORIN, 1984, p.81

⁴⁰ Para Morin, autoética significa “*para o melhor e o pior, a responsabilidade dos nossos atos em nós mesmos. A auto ética ainda que privada de um fundamento exterior, alimenta-se de fontes vivas (psicoafetivas, antropológicas, sociológicas, culturais). O sujeito sente a vitalidade do princípio altruísta de inclusão e o apelo à solidariedade em relação aos seus...*” (MORIN, 2007, p.93).

⁴¹ Normose é uma patologia em que os indivíduos seguem normas cegamente, sem levar em conta sua singularidade pessoal e liberdade de escolha, agindo desta forma somente para agradar a maioria, para garantir a sua sobrevivência e hegemonia. Por exemplo, se o maior número de indivíduos vê no “ter” a fonte de felicidade e sentido para suas vidas, esta “norma” é acolhida pela maioria, em detrimento da valorização do “ser”, que é desprezado. Assim sendo, uma maneira disfarçada de manipular as opiniões e mudar os sistemas de valores é anunciar que eles são adotados pela maioria da população. De maneira

Karlla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

omissão. Desinstala-nos, questiona, instiga a buscar o verdadeiro sentido para nossa vida, renovando nossas expectativas na humanidade.

Uma das respostas que encontramos em Francisco para a crise é esta: a mudança precisa começar a partir de cada um de nós: em nosso planeta interior cheio de miríades, e miríades de desejos, aspirações, sonhos, combates, elementos positivos e negativos, conhecidos e desconhecidos, luzes e sombras, forças avassaladoras e tranquilizadoras. É lá, nesta gênese sempre inicial e cotidiana, que necessitamos encontrar o equilíbrio entre a *Anima* e o *Animus*. É lá, no mais profundo de nosso ser, que estão ancestralmente guardadas as respostas, prontas para emergir, se tivermos coragem de parar para ouvi-las. É essa experiência matricial de que necessitamos para que se apresente o homem completo, que, com os pés no chão, dialoga com o céu, o Insondável e o Inconcebível.

Essas escolhas começam na dialogia entre a voz do interior e a voz do exterior. Nossa visão precisa estar sempre conseguindo enxergar o que está perto e o que está longe, aquilo que nos move dentro e fora, em uma autoprodução constante, perene, que nos leve a uma autoética que deságue em atitudes de verdadeira solidariedade, respeito e amor. O sábio *Mendigo de Assis* não fugiu, encheu-se da esperança no hoje e mudou, agiu, construiu sua história que até hoje nos convoca.

A comunidade de que necessitamos já nasceu e está em andamento em todas as partes do mundo. Ela é formada por seres humanos que acolheram o cuidado como forma de vida. Homens genéricos que não se conformam em ver este mundo apenas sob a ótica da razão instrumental-analítica. Eles conseguem enxergar todas as dimensões da vida, acolhendo os opostos, respeitando as singularidades e diferenças, enchendo de poética e amor seus pensamentos e ações cotidianas.

Estes irmãos do cosmos continuam confiando no ser humano, em suas potencialidades e criatividade. Buscam a ordem na desordem, “*a religião do*

que, nesse sentido, toda normose é uma forma de alienação. Que facilita a instalação de regimes totalitários e de sistemas de dominação (CREMA; LÉLOUP; WEIL, 2003).

*corpo e da mente, da ética e da estética, do quantitativo e do qualitativo, da razão e da desrazão*⁴². Essa nova comunidade já caminha sob a égide de arquétipos como Francisco de Assis, que veem além do óbvio, do regular, do normótico. São águias que despertaram de seu sono, libertando sua natureza *sapiens-demens* para as alturas, para as infinitas possibilidades, para realizar o imprevisível.

6. Considerações Finais

É inegável que, nos últimos séculos, o homem tem alcançado um desenvolvimento técnico vertiginoso. Foi capaz de viajar à lua, explorar os limites do sistema solar, criar o laser, a fibra ótica, a energia nuclear, a computação quântica, a nanotecnologia, a bioengenharia, o celular, a internet com suas redes sociais e conseqüente revolução digital... Os limites do ser humano foram alargados pela tecnologia, que beneficiou a medicina, a engenharia e as comunicações. Essas breves citações demonstram que a tecnociência, quando orientada para melhorar a qualidade de vida das pessoas, é fundamental.

Não podemos ignorar que essas descobertas e inovações deram ao homem um enorme poder. A cada hora o poder do mundo se concentra e se globaliza. Contudo, é preocupante percebemos que o saber tecnológico não tem sido empregado para nos conhecermos melhor enquanto humanos, para resolvermos os dilemas existenciais, para solucionarmos os conflitos de poder. A miséria de milhões, a degradação dos recursos naturais e os conflitos sangrentos revelam a desumanidade da humanidade. É necessária uma autoética que impeça a cegueira dos homens de se transformarem em uma desgraça para si mesmos.

Apontamos alguns caminhos que o arquétipo Francisco de Assis nos apresentou. São caminhos que continuam abertos a novas descobertas e questionamentos. Começamos pela significativa constatação de que, depois do

⁴² CARVALHO, Edgar de Assis. *Conexões da Vida: uma antropologia da experiência*. Natal: Editora Una, 2017, p.176

Karlla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

surgimento de figuras como Francisco de Assis, a humanidade deu um salto qualitativo. Essas pessoas manifestaram ao mundo a possibilidade real de encontrarmos novas práticas que rompam com um pensamento reducionista e se comprometam com uma postura ética, frente aos desafios e incertezas. Nelas, encontramos a grandiosidade desse ser tão frágil e complexo chamado homem. Em Francisco de Assis, renovamos a confiança em uma humanidade reencontrada consigo mesma.

Para analisar sua figura seminal, foi necessário conhecer sua origem, seu pensamento e suas ações. Descobrimos um jovem italiano simples, amoroso, corajoso, alegre, cuidadoso com todos; aberto às mudanças, integrado à natureza, ardoroso em sua fé e estratégico em suas escolhas; um sujeito livre de preconceitos e grande defensor das mulheres, dos pobres e leprosos; um ser em constante transformação.

Aprendendo com a *metanóia de Francisco*, constatamos que ele nos aponta e convida a emprendermos a reforma do nosso pensamento, nos fazendo entender que as transformações históricas começam nas mentes, nas utopias e na consciência das pessoas. Essas são construídas a partir de um movimento que toca o interior em diálogo com o exterior de cada ser humano. Sendo imprescindível a religação entre a ecologia interior e a exterior.

Francisco de Assis era um homem de olhar poético. Sabia perceber, nas coisas mais simples, um brilho especial. Seu ser demasiadamente humano reconhecia a sacralidade de todo ser vivente. Da minhoca às cigarras, do lobo de Gubbio às serpentes, do ser humano aos pássaros, tudo era abarcado por seu amor. Porém, em Francisco, essa visão cheia de positividade, alegria e luz não é sinônimo de um ser humano alienado. Pelo contrário, essa visão o levava a assumir uma postura de cuidado, respeito e reverência para com todos. A partir desta postura, conseguia entender o real valor do que chamamos liberdade. Para ele, nenhum ser vivente deveria ter sua liberdade tolhida, sua dignidade aviltada ou sua vida aniquilada. Depois daqueles doze meses preso em Perúgia, Francisco sabia muito bem o valor da liberdade, fosse física ou interior.

Com seu jeito simples e seus gestos firmes na defesa da vida e da humanidade, Francisco vai descortinando um quadro sombrio vivido pelo

medieval: uma sociedade dividida entre exploradores e explorados, um povo oprimido e subjogado pela ganância dos poderosos de seu tempo, o que não difere muito dos dias atuais. Na verdade, histórico e paulatinamente, as sociedades e suas instituições têm criado formas sutis de dominação, travestidas, na maioria das vezes, em normas que servem para encobrir os interesses das elites dominantes. Essas normas evoluem para práticas que visam a reprimir, explorar, subjugar e manipular os sujeitos e povos. São formas de controle social, motivadas pela busca e manutenção do poder.

Meditando sobre Francisco de Assis e a esperança no hoje, desenvolvemos a temática da esperança como uma postura ativa, no presente. Demonstrando que o enfrentamento da policrise já começou e se desenvolve por todo o mundo, em cada ser humano que se sente protagonista de sua história, em cada pessoa que percebe no hoje o momento certo para construir o futuro.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A Feira dos Mitos: a fabricação do Folclore e da Cultura Popular (Nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- BERMEJO, Marcelo. *Francisco de Assis*. São Paulo: Canção Nova, 2013.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do Humano – Compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. *Francisco de Assis e Francisco de Roma*. 2.ed. Rio de Janeiro: Mardeideias, 2014.
- CARVALHO, Edgar de Assis. *Conexões da Vida: uma antropologia da experiência*. Natal: Una, 2017.
- CREMA, Roberto; LELOUP, Jean-yves; WEIL, Pierre. *Normose: a Patologia da Normalidade*. Campinas-SP: Verus, 2003.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Karla Christine A. Souza, Joscelito M. Ferreira, Ailton S. de Sousa Fonseca

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. *Sociologia: a sociologia do microsossial ao macroplanetário*. Portugal: Publicações Europa-América, 1984.

_____. *A Cabeça bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *Em Busca dos Fundamentos Perdidos: textos sobre o marxismo*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MACEDO, José Rivair. *Movimentos Populares na Idade Média*. São Paulo: Moderna, 2003.

SILVEIRA, Idelfonso; REIS, Orlando dos. *São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 6.ed. Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1996.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em: 05/03/2019

Aprovado em: 15/04/2019